

# Pedagogia Histórico-Crítica e sua proposta metodológica na educação ambiental crítica

## RESUMO

**Patrícia Vidigal Bendinelli**

[patvidigal@gmail.com](mailto:patvidigal@gmail.com)

[orcid.org/0000-0001-9750-8465](https://orcid.org/0000-0001-9750-8465)

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática, Maringá, Paraná, Brasil.

**Ítalo Severo Sans Inglez**

[italo.inglez@ifes.edu.br](mailto:italo.inglez@ifes.edu.br)

[orcid.org/0000-0002-6919-5270](https://orcid.org/0000-0002-6919-5270)

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática, Maringá, Paraná, Brasil.

**Ana Lucia Olivo Rosas Moreira**

[alormoreira@gmail.com](mailto:alormoreira@gmail.com)

[orcid.org/0000-0002-6940-4957](https://orcid.org/0000-0002-6940-4957)

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática, Maringá, Paraná, Brasil.

O presente artigo aponta uma possibilidade para se trabalhar a Educação Ambiental na complexidade da sociedade capitalista. Por meio da prática social, vislumbra uma formação que considere os aspectos culturais, sociais e políticos que envolvem a Educação. Para isso, destaca que o trabalho precisa ser baseado em uma pedagogia de natureza progressista, a Pedagogia Histórico-crítica, idealizada por Dermeval Saviani. Desta maneira, apresenta a vinculação entre a Pedagogia Histórico-crítica e a Educação Ambiental, buscando uma diretriz sobre como isso pode ocorrer. Portanto, o objetivo estabelecido foi discutir a relação entre a Pedagogia Histórico-crítica e a Educação Ambiental, e como o método proposto pela Pedagogia Histórico-crítica pode e deve ser utilizado na efetivação da Educação Ambiental. Para tanto, a discussão foi dividida em três partes, primeiramente, apresenta-se a Educação Ambiental, sob a ótica das teorias críticas; no segundo momento, busca-se apontar as características estruturais da Pedagogia Histórico-crítica; e, finalmente, discute-se as possíveis vinculações entre as duas teorias e como a metodologia educacional, proposta pela pedagogia Histórico-crítica, pode contribuir para que a ação educativa na Educação Ambiental cumpra seu papel na realidade social, destacando sua importância para formação dos sujeitos, cidadãos participativos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Ambiental. Pedagogia Histórico-Crítica. Capitalismo.

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade capitalista e é graças a essa organização que adquirimos todos os bens que garantem nossa vida no dia a dia, escreve David Harvey, um estudioso britânico da geografia urbana, em seu livro “O enigma do capital e as crises do capitalismo”. Para sustentar esse sistema, Havery (2011, p.8) considera que o chamado ambiente natural tem que ser transformado pela atividade humana, construindo, muitas vezes, à custa da destruição, uma segunda natureza – a natureza remodelada pela ação humana.

Nos últimos séculos, marcados pela ascensão do capitalismo, a taxa de propagação e destruição criativa da terra tem aumentado enormemente. Grande parte dos teóricos ignoram uma reflexão crítica sobre esta conjuntura e procuram meios de superação da crise no interior do sistema. Outros, porém, buscam uma possibilidade para impedir a maré de comportamentos autodestrutivos, por meio de novas formas organizacionais coletivas, repositórios de conhecimento e compreensões, inovações tecnológicas e sistemas de produção e consumo.

Nesse embate, vamos assistindo crises econômico-financeiras e ambientais. Vive-se neste panorama uma guerra de classes. Werren Buffett, um americano conhecido como o mais bem-sucedido investidor do final do século XX, afirmou: “[...] minha classe é a classe rica, que está fazendo a guerra e estamos ganhando” (HAVERY, 2011, p.212). Será mesmo que são as elites que conduzem a história? Existe um meio de fazer com que os trabalhadores venham ter a clareza dos mecanismos que movimentam a luta entre o capital e o trabalho? O que o capitalismo tem a ver com grande parte da destruição ocorrida na terra?

Questões como essas precisam ser colocadas e respondidas para que se perceba o quanto a questão da produção e consumismo interferem na questão ambiental e, conseqüentemente, na sobrevivência humana no planeta.

Na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972, destaca-se a discussão sobre a Educação Ambiental (EA), principalmente quanto à importância de investir em seu trabalho. Seu apogeu aconteceu em Tbilisi (1977) quando ocorreu um evento exclusivo sobre EA, apontando recomendações, objetivos e estratégias de desenvolvimento. Desde então, a Educação Ambiental vem se construindo como uma área de estudos, investigação e práxis, além de se caracterizar como uma área em contínua transformação. Surgem assim novas questões: qual é a educação ambiental pertinente aos nossos dias? Qual proposta pedagógica responde de forma mais direta aos inúmeros desafios apresentados pela situação atual?

Este artigo busca defender um caminho possível diante de toda essa complexidade existente. Discute uma proposta que, a partir da prática social, poderá contribuir em um debate socioambiental. Trata-se da pedagogia de natureza progressista, a Pedagogia Histórico-crítica (PHC), idealizada por Dermeval Saviani (2003), que ressalta a perspectiva crítica da educação ambiental (EA), considerando como basilar os aspectos culturais, sociais e políticos do ato de educar, além de não se esquecer da conexão entre natureza e ser humano.

Fazendo um breve levantamento dos estudiosos que se debruçaram sobre essa questão, destacamos alguns daqueles que se dedicam à educação científica. Geraldo (2009) discute uma didática das Ciências da Natureza fundamentada na PHC, na qual admite que o processo educativo está deliberado, dialeticamente,

pela infraestrutura e pela superestrutura da formação social em que acontece. Nesse ponto de vista, essa concepção seria capaz de propiciar ao docente uma reflexão sobre a prática social dos alunos, a qual passa a ser o ponto de chegada e de partida para o processo educativo.

Gulmini e Campos (2011) apontam a proposta Histórico-crítica como instrumento para o ensino de ciências, sendo uma oportunidade de superação da realidade atual estruturada em uma sociedade capitalista, consumista e alienada, pois defendem que é no conhecimento científico, historicamente acumulado, que se encontra a ferramenta de compreensão e possível atuação na realidade.

Assim, os apontamentos sobre todo potencial que a PHC pode acarretar para a EA ainda vem ocorrendo de forma incipiente. Desta maneira, acredita-se ser pertinente o estudo de uma vinculação entre a PHC e a EA, sugerindo a primeira como metodologia educacional na realização da segunda. Assunto que se procura discutir neste trabalho, buscando uma diretriz sobre como isso pode ocorrer, visto que as discussões ainda são escassas. Portanto, o trabalho tem como objetivo discutir a relação entre a PHC e a EA, e como a metodologia educacional proposta pela primeira pode e deve ser utilizada na efetivação da segunda, para que ela cumpra seu papel social e ajude os educadores a efetivar a sua função.

Para tanto, a discussão será dividida em três momentos: primeiramente, apresenta-se o que se alude à EA sob a ótica das teorias críticas; no segundo momento, buscar-se apontar as características basilares da PHC; finalmente, serão apresentadas as possíveis vinculações entre a PHC e a EA e como a metodologia educacional proposta pela pedagogia histórico-crítica pode contribuir para a ação educativa na Educação Ambiental, destacando sua importância na formação dos sujeitos como cidadãos participativos.

### **EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA (EAC)**

No Brasil, a ameaça à diversidade biológica existe em todos os biomas, em consequência, principalmente, do crescimento populacional nos centros urbanos e do aumento exagerado de atividades produtivas. A danificação ou degradação do solo, a poluição do ar e a contaminação dos recursos hídricos são algumas das consequências nocivas mais observadas. Na maioria das cidades, os detritos sólidos ainda são assentados em lixões, a céu aberto.

Relaciona-se a esse fato uma situação de exclusão social e miséria da população. Grandes números de pessoas vivem em zonas de risco, como ribanceiras, beiras de rios e periferias industriais; em locais sem nenhuma infraestrutura adequada como, por exemplo, saneamento básico e pontos de coleta de lixo. Precisa-se também levar em consideração que uma expressiva quantia dos brasileiros tem uma compreensão naturalizada do meio ambiente, excluindo questões sociais e políticas desse conceito.

Transformar esse quadro representa um grande desafio para a construção de um país sustentável, socialmente justo e ambientalmente seguro. Nota-se, ainda, uma distância entre o que está previsto nas leis e sua aplicação. Para superar o desafio do cenário ambiental atual é preciso o desenvolvimento de estratégias de ensino que possam ser sistematizadas por meio da EA. Mas é preciso ressaltar que não é qualquer educação ambiental que possibilita esse enfrentamento para a

mudança, pois ao se falar em EA, logo muitos concebem que essa já é transformadora em sua essência, mas isto não é uma realidade.

Assim, partindo dessa percepção de pluralidade na área da EA, destaca-se que ela tem dois pontos essenciais: um, conservador, em que o processo educativo causa mudanças aparentes para sustentar o status quo, a alteração de certas condutas e comportamentos, sem que consista em uma incompatibilidade com o modelo de sociedade contemporânea em que vivemos (LOUREIRO, 2003). Esse modelo vai ao encontro do modelo de desenvolvimento socioeconômico capitalista, o qual se distingue pela redução da realidade ao seu nível material e econômico.

A Educação Ambiental, sob a perspectiva crítica, tem a práxis como atividade real pela qual os sujeitos se afirmam no mundo, modificando o contexto social em que estão inseridos e sendo modificados por ele. Essa mudança ocorre de maneira reflexiva, uma autoanálise, sempre relacionando a teoria à prática, em uma prática revolucionária. A EA de base crítica rompe com o saber que fragmenta a totalidade e procura pelos dados de cada campo do conhecimento para agregar entendimentos e, assim, desenvolver uma leitura totalizante da realidade

Portanto, embora existam distintas maneiras de se realizar EA, é preciso fazer uma escolha. A EA Crítica tem como base o campo teórico das teorias críticas da educação, desenvolvidas a partir da década de 1970. A resignificação da EA como crítica constitui uma relação com a necessidade de distinguir uma ação pedagógica capaz de colaborar com a modificação de um contexto que, historicamente, se vê em uma séria crise social, ambiental, política e cultural.

A EA crítica foi deliberada, no Brasil, a partir de uma base que vê a educação como componente de transformação social, motivada no empoderamento dos sujeitos, no exercício da cidadania, para vencer as formas de dominação do capitalismo, entendendo o mundo em sua complexidade como um todo. Loureiro (2004a, p. 68) denota a PHC como abordagem pedagógica importante, que faz parte desta realidade emancipatória, e entende que essa concepção de ensino “[...] contribui sobremaneira para a compreensão das políticas educacionais e da função social da educação”.

A educação ambiental, nesse aspecto, possibilita uma discussão sobre a relação do problema ambiental com o social, viabiliza mudanças relevantes, tanto individuais como coletivas, econômicas e político-sociais, contribuindo, de forma processual, para a transformação da sociedade, sem idealismos.

Segundo Loureiro (2004b), a questão ambiental é, por definição, complexa e interdisciplinar, posto que nada se determina em si, mas nas relações. Como dizia Marx (1989, p.101), “[...] o concreto é o concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade do diverso”, a tradição crítica é, dentre as que procuram pensar a complexidade, a que se propõe a teorizar e realizar em fundamentos contextualizados e racionais, integrando matéria e pensamento.

Contudo, só se faz uma Educação Ambiental Transformadora quando não se separa o ambiental do social e do histórico, quando se reconhece a complexidade e diversidade em que vivemos. Pode-se perceber que a educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória emerge da pedagogia crítica, que tem seu ponto de partida na teoria crítica de interpretação da realidade social - (LOREIRO, 2009).

Loureiro, Trein, Tozoni Reis e Novicki (2009) apontam que a PHC possibilita a apropriação do saber historicamente acumulado como princípio educativo. Pensamento compartilhado por Saviani ao afirmar que “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. (SAVIANI, 2005, p. 13).

Uma fragilidade do aspecto não crítico da EA está na negligência da proposta sistêmica que envolve o tema ambiental. Ao ignorar a singularidade histórica e cultural da humanidade, “[...] pode-se recair no funcionalismo organicista, em que as transformações se dão para o bom funcionamento do sistema (em termos de sociedade contemporânea, do capitalismo)”. (LOUREIRO, 2006, p. 138).

Observada sob a ótica da técnica, a dialética materialista marxiana proporciona, como auxílio para a educação ambiental, a oportunidade de vincular os múltiplos fios que formam a trama de envolvimento entre os humanos e sua história e entre a sociedade e a natureza. Na compreensão de Marx (1996; 2004; 2008), o ponto de partida para o pensamento científico deve começar na realidade em que o sujeito está inserido; depois, as compreensões do mundo real precisam ser modificadas em conceitos, em publicações da concretude; por fim, esse entendimento deve voltar à realidade para modificá-la por meio da práxis.

Por esse motivo, as atividades propostas, na escola, necessitam ser compreendidas, não só como padrões de interação social que predominam nas classes durante a aula, mas também em termos de paradigma mais amplo da relação socioeconômica na organização social da qual a escola faz parte. Assim, a EA crítica deve assegurar o rigor teórico metodológico na análise das circunstâncias ocorridas. O pensamento crítico, ao desnudar o modo de produção capitalista, sua estruturação interna e as contradições que produz enquanto processo social, deve, também, apontar os dispositivos que escondem essa realidade, estruturados pela classe que domina.

Contudo, é um grande desafio alterar esse cenário, já que a sociedade é pressionada a aceitar todas as mazelas com as quais convive, sem ter possibilidade de reagir contra o status-quo. Essa impotência é decorrente, às vezes, de não haver ferramentas políticas ou financeiras, de não se ter acesso a algumas informações restritas ou categorias, e ainda, devido às crenças, representações sociais em que se está inserido. Existe uma culpabilização do indivíduo pelos dilemas ambientais, principalmente, as classes mais pobres são responsabilizadas pela poluição, pela escassez de alguns recursos naturais, por tragédias devido à ocupação de áreas de risco, não havendo nenhuma discussão do real motivo desses problemas. Sem provocar essas discussões, ocorre a desmobilização dos sujeitos e da coletividade ao enfrentamento dos motivos e nas resoluções dos dilemas socioambientais.

Loureiro (2012, p. 167), afirma que

[...] não vivemos em uma sociedade igualitária, em que as necessidades podem ser atendidas ou definidas sem a mediação de formas sociais alienadas. Logo, toda ação educativa deve ser direcionada para a construção da igualdade e promoção das diversidades para que possamos satisfazer nossas necessidades sem opressão, discriminação e reprodução da dominação e dos mecanismos de expropriação. É nesse sentido que o conhecimento, ao ser crítico, nos desafia a pensar o ato de conhecer como uma

atitude intencional, politicamente posicionada e prática, voltada para a transformação social.

Esse caminho para o aperfeiçoamento da visão crítica na sociedade capitalista, exige um debruçar sobre as questões da sociedade contemporânea e realizar uma crítica consistente à ideologia do desenvolvimento e do padrão científico-tecnológico pertencente à sociedade em questão. O pensar de forma crítica, nessa acepção, tem um papel fundamental na formação de indivíduos aptos para criticar e buscar a mudança do atual paradigma social.

Nesse sentido, de uma mudança de paradigma social, Silva e Gennari (2020, p. 28) indicam que:

[...] para combatermos tanto a devastação ambiental, quanto a desigualdade social, dependemos da criação de novas formas de sociabilidade, na qual a ética social esteja pautada em novos valores, contrários à estrutura capitalista do lucro a qualquer preço; a ideia de que o meio ambiente é um bem coletivo e que não se pode delimitar fronteiras a sua destruição e consequências.

Dessa forma, a EA trabalhada na vertente crítica e de forma massiva e constante, torna-se capaz de colaborar para desenvolver, na sociedade, uma visão complexa. Assim sendo, possibilita provocar uma inquietação e, conseqüentemente, uma maior atuação dos indivíduos nos debates sobre as políticas públicas, além de uma maior adesão e contribuição com os movimentos sociais que estão dirigidos para a solução dos dilemas socioambientais.

De acordo com Loureiro e Layrargues (2013, p.231), a mudança de postura do indivíduo, que pode ocorrer a partir do contato com a EA Crítica, dá-se devido a essa vertente aborda as seguintes situações em seu processo:

- a) Efetuar uma consistente análise de conjuntura complexa da realidade a fim de ter os fundamentos necessários para problematizar as contradições e questionar os condicionantes sociais historicamente produzidos que implicam a reprodução social e geram desigualdade e os conflitos ambientais;
- b) Trabalhar a autonomia e a liberdade dos agentes sociais ante as relações de expropriação, opressão e dominação próprias da modernidade capitalista;
- c) Implantar a transformação mais radical possível do padrão societário dominante, no qual se definem a situação de degradação intensiva da natureza e, em seu interior, da condição humana.

Por acreditar nas concepções supracitadas, este artigo se coloca em congruência com as convicções da EA Crítica, pois se entende que as outras visões podem contribuir para retirar o caráter político da pedagogia e da escola, conservando o entendimento do conhecimento como um processo simples e desassociado das atribuições sociopolíticas da educação.

## **CARACTERÍSTICA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA**

Demerval Saviani foi o precursor intelectual da PHC, tendo iniciado suas proposições teóricas na década de 70, porém melhor organizadas na década de 1980. A PHC reside, conceitualmente, no corpus das pedagogias contra-hegemônicas, de cunho socialista. Essa teoria está baseada no materialismo histórico-dialético e caracteriza uma teoria pedagógica voltada para superação dos problemas educacionais decorrentes da extorsão do homem pelo homem. Divulga que a propriedade da educação é elaborar ideias, conceitos, valores, princípios, dentre outros conceitos e que seu aspecto é garantir, a cada pessoa, aquilo que a humanidade construiu histórica e comunitariamente.

Deste modo, para o autor, a educação organizada tem função sociocultural relevante e inseparável das práticas sociais, sendo justamente essas últimas que tomam posição de evidência em sua proposta. Dentro desta pedagogia, observa-se a relevância dos sujeitos históricos. Assim,

[...] a fundamentação teórica da pedagogia histórico-crítica nos aspectos filosóficos, econômicos e político-sociais propõe-se explicitamente a seguir as trilhas abertas pelas agudas investigações desenvolvidas por Marx sobre as condições históricas de produção da existência humana que resultaram na forma da sociedade atual dominada pelo capital. É, pois, no espírito de suas investigações que essa proposta pedagógica se inspira. [...]. Aquilo que está em causa é a elaboração de uma concepção pedagógica em consonância com a concepção de mundo e de homem própria do materialismo histórico. (SAVIANI, 2007a, p. 420).

Desta maneira, o autor, além de se embasar em Marx, traz também forte relação com as ideias de Gramsci, como evidenciado pelo próprio Saviani (2005; 2008a); nessa relação, busca na obra gramsciana a visão de que os professores são pensadores, retomando a significativa compreensão de que todo fazer do ser humano abarca de certo modo uma forma de pensamento.

Uma característica relevante da PHC é o compromisso de instrumentalizar o educando, ou seja, propiciar-lhe um conhecimento sistematizado e científico para que ele possa avaliar, criticar e transformar o contexto em que está inserido, agindo de forma humanizada. SAVIANI (2003, p. 13) afirma que:

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

A instrumentalização permite ao educando modificar o conhecimento fundamentado no senso comum em conhecimento científico, possibilitando a compreensão da realidade em vários aspectos. A primeira tese basilar da pedagogia histórico-crítica é entender a ação educativa como ação mediadora da prática social global. Essa compreensão nos propicia elementos para refletir no processo educativo e em suas influências nessa relação entre educação e prática social global, primordial dentro da teoria. Porém, é necessário atentar que esses momentos não são como um movimento para se planejar a aula, tentando identificar em cada lição um deles. Essa compreensão pode tornar a prática social

aqui debatida algo referente ao cotidiano do educando, o que não é o caso. Segundo Saviani (2015, p.36),

[...] o professor, para atuar eficazmente junto aos alunos deve ter uma compreensão sintética da prática social significa dizer que ele deverá ter uma compreensão articulada das múltiplas determinações que caracterizam a sociedade atual. Ou seja, se os alunos, situando-se no ponto de partida numa visão sincrética têm uma compreensão ainda superficial marcada pelas vivências empíricas presas às impressões imediatas, o professor já teria passado pela análise, pela mediação do abstrato, ascendendo a uma compreensão concreta, isto é, apreendendo a realidade como síntese de múltiplas determinações, como unidade da diversidade.

Desse modo, a instrução é a ação mediadora na prática social, estabelecendo-se como ponto de partida e ponto de chegada da atividade educativa. Conceber o ensino escolar nessa visão ocasiona um olhar para o exercício social dos homens em sua complexidade, indica quais pontos a prática social implanta nos homens e aponta a demanda de saberes. Por esse motivo, os saberes já acumulados necessitam ser apreendidos para adentrar os sujeitos, na prática, e assim propiciar a transformação social. Essa é a tarefa da problematização.

Em um segundo momento, ocorre a problematização na qual são reconhecidos os “principais problemas postos pela prática social” (SAVIANI, 2001, p. 71) e são pontuados os temas que necessitam ser resolvidos e o saber indispensável para respondê-los para além de uma compreensão caótica e superficial da realidade em que estão inseridos (MARSIGLIA; OLIVEIRA, 2008).

No terceiro momento, a instrumentalização, precisa assegurar aos alunos, das camadas populares, a apreensão das ferramentas culturais basilares à luta social que travam diariamente para se libertar das condições de exploração em que vivem (SAVIANI, 2001). Deste modo, a instrumentalização em concordância com a problematização, deve proporcionar os instrumentos indispensáveis aos alunos para ampliarem os níveis de compreensão em relação à complexidade dos fenômenos sociais com os quais se relacionam.

O professor tanto pode mostrá-los diretamente como pode apontar os meios por intermédio dos quais o entendimento venha acontecer. Portanto, é essencial criar as circunstâncias, no interior da escola, para que os educandos possam compreender os instrumentos teórico-práticos acumulados no decorrer da história pelos homens. Para isso, podem ser empregadas diversas estratégias, desde que elas assegurem a colaboração na construção de conhecimentos para a geração seguinte. Por conseguinte, a instrumentalização, em consonância com a problematização, deve propiciar os instrumentos indispensáveis aos educandos para ampliarem os níveis de compreensão em relação à complexidade dos fenômenos sociais com os quais se relacionam.

A catarse, quarto momento da PHC, diz respeito ao “momento da expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu” (SAVIANI, 2001, p. 72). É a transição da síncrese à síntese, possibilitando aos educandos que evidenciem seus entendimentos, “em termos tão elaborados quanto era possível ao professor” (SAVIANI, 2001, p. 72), no começo do processo.



A última etapa se refere ao retorno à prática social. De tal modo, a prática social referida no ponto de partida (primeiro passo) e no ponto de chegada (quinto passo) é e não é a mesma. É a mesma, uma vez que é ela própria que constitui ao mesmo tempo o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática pedagógica. E não é a mesma, se considerarmos que o modo de nos situarmos em seu interior se alterou qualitativamente pela mediação da ação pedagógica.

Concebe-se, a partir dessa análise, que na catarse acontece uma transformação intelectual, essa transformação não vai acontecer a cada aula, a cada conceito apreendido, mas ao longo de um processo mais amplo, de um crescimento qualitativo que acontece após o aluno reunir “[...] conhecimentos, de vivências e de circunstâncias de instrução que, ao longo do processo, modificam sua consciência” (SAVIANI, 2001, p. 73).

Ao analisar as proposições de Saviani, percebe-se na pedagogia-histórico-crítica, cujo embasamento é o materialismo histórico-dialético, a presença de uma conexão entre múltiplos níveis epistemológicos, recomendados pelo autor, que circulam na prática social real, a saber: a filosofia da educação é o primeiro; o segundo é representado pela pedagogia, ou seja, a teoria da educação; enfim, o terceiro nível, é a práxis pedagógica. Na perspectiva dialética, esses níveis se vinculam e dispõem entre si relações mútuas.

Uma questão essencial na EA é a ação pedagógica, “em lugar de aparecer como um momento de aplicação da teoria da educação, é vista como ponto de partida e ponto de chegada” (SAVIANI, 2008b, p. 80).

### **PHC COMO CENÁRIO METODOLÓGICO DA EA, E A SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO**

Nesse momento, serão destacados alguns pontos convergentes entre a PHC e a EA, pois se compreende que a pedagogia histórica-crítica pode colaborar, consideravelmente, com a segunda, visto que a PHC, como a EA crítica, está baseada no materialismo histórico-dialético e indica uma teoria pedagógica voltada para os problemas sociais.

Além disso, será explanado como o método proposto pela pedagogia histórico-crítica pode ser utilizado para que a ação educativa, na Educação Ambiental de base crítica, seja efetivada na realidade escolar, pois um fazer pedagógico consistente deve estar conectado às teorias pedagógicas que o fundamentam.

Para a PHC, a educação é entendida como uma ação mediadora no centro da prática social, uma vez que procede de um método que parte dessa questão, condição para que estabeleça uma relação positiva no entendimento e na condução da solução dos problemas apresentados pela prática social (SAVIANI, 2015). A concepção de EA crítica vai ao encontro desse pressuposto, pois seus teóricos orientam que o seu trabalho deve sempre ocorrer a partir da realidade social em que os sujeitos estão inseridos, para depois, com o entendimento, tentar modificá-la. Com o trabalho nessa perspectiva podemos afirmar que

[...] a educação enquanto práxis social que contribui no processo de construção de uma sociedade pautada por novos patamares civilizacionais e societários distintos dos atuais, em que a

sustentabilidade da vida e a ética ecológica sejam seu cerne (LOUREIRO, 2002, pg.90).

Ao se fazer educação ambiental, deve-se considerar que, se por um lado, a educação sofre influência do meio social; por outro, “a educação também interfere sobre a sociedade podendo contribuir para a sua própria transformação” (SAVIANI, 2005, p. 93).

Assim, a EA baseada na PHC estará empenhada para que a aprendizagem funcione bem e para isso utilizará métodos de ensino eficazes. Tais métodos

[...] estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos. (SAVIANI, 2013, p. 232).

Desse modo, podemos estabelecer uma prática pedagógica importante, no tocante a EA, que busca a mudança de valores e de paradigmas cognitivos motivada pelo revigoramento dos indivíduos, na prática cidadã, para exceder os modos de dominação capitalistas, percebendo o planeta como um todo em sua complexidade.

Devido a esses aspectos, a pedagogia histórica-crítica possibilita o entendimento da EA como um instrumento capaz de formar sujeitos competentes para concretizar esse metabolismo, visto que essa pedagogia possibilita o conhecimento de como surgiu essa sociedade, como as relações sociais são estabelecidas, como foi se alterando, organizando e quais as incoerências que a movimentam, determinando sua evolução e indicando probabilidades de transformação.

Para Loureiro et al. (2009), na obra de Saviani as condições de existência dos indivíduos são ponto de partida e de chegada, mas é por meio da apropriação da cultura que se dá o processo de formação humana plena. A análise crítica das relações sociais, na PHC, determina o compromisso da educação com o movimento maior de transformação da sociedade capitalista, que se dá com a promoção do processo – pleno e reflexivo.

Outro ponto a ser destacado, neste artigo, é como o método proposto pela PHC pode contribuir para que a ação educativa na Educação Ambiental se efetive na realidade escolar. Assim, o objetivo é destacar alguns momentos da proposta metodológica, evidenciando como pode potencializar a transformação da realidade social, por meio da leitura da realidade e da participação

Portanto, os cinco passos estabelecidos na PHC, supracitados, podem e são orientados para que sejam utilizados na metodologia para realização da EA, pois essa, para ser emancipatória e transformadora, deve partir da realidade dos educandos para problematizar as situações e modos de vida que geram o problema em questão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o objetivo de discutir a vinculação entre a PHC e a EA e como o método, proposto pela primeira, pode e deve ser utilizado na efetivação da segunda para que ela cumpra seu papel na realidade social atual, este artigo trouxe como argumentação a vinculação entre as duas teorias, vislumbrando a efetivação de uma educação ambiental de forma crítica, transformadora e emancipatória.

Assim, a EA crítica deve ser realizada de forma que tenha como foco a formação integral dos sujeitos que, ao tomarem posse, criticamente, dos elementos da cultura, especialmente no que se refere às relações das sociedades com o ambiente em que estão inseridos, tenham condições de exercer uma prática social transformadora. Nesse sentido, a Pedagogia Histórico-crítica traz como contribuição seu arcabouço teórico-prático para que a educação ambiental consiga trabalhar as questões ambientais de acordo com o contexto, formando sujeitos reflexivos, ativos e críticos.

Concluindo, a vinculação entre a PHC e a educação ambiental pode contribuir para a formação dos indivíduos, ajudando que estes interfiram de forma mais ativa e crítica nos problemas ambientais da realidade em que estão inseridos. No entanto, é importante garantir que a utilização da PHC cumpra sua proposta, considerando os elementos da cultura humana e a colaboração das diversas áreas do conhecimento e valorizando os conteúdos sistematizados historicamente.

Desse modo, a educação ambiental realizada nas escolas será capaz de instrumentalizar-se para desafiar os modos reprodutores da sociedade atual e poderá colaborar para realização daquilo que a Pedagogia Histórico-crítica defende: a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado Saviani (SAVIANI, 2003).

# Historical-Critical Pedagogy and its methodological proposal in critical environmental education

## ABSTRACT

This article points out a possibility to work Environmental Education in the complexity of capitalist society. Through social practice, it envisages training that considers the cultural, social and political aspects that involve Education. For this, he emphasizes that the work needs to be based on a pedagogy of a progressive nature, the Historical-Critical Pedagogy (PHC), idealized by Dermeval Saviani. In this way, it presents the link between PHC and EA, seeking a guideline on how this can occur. Therefore, the established objective was to discuss the relationship between the PHC and the EA, and how the method proposed by the PHC can and should be used in the effectiveness of the AE. Therefore, the discussion was divided, firstly, with regard to EE, from the perspective of critical theories; in the second moment, we tried to point out the structural characteristics of the PHC; and, finally, the possible links between PHC and EA were presented, and how the educational methodology, proposed by the historical-critical pedagogy, can contribute so that the educational action in Environmental Education fulfills its role in the social reality, highlighting its importance for training of subjects, participatory citizens.

**KEYWORDS:** Environmental education. Historical-Critical Pedagogy. Capitalism.

## REFERÊNCIAS

- SILVA, A. C. B.; GENNARI, A. M. Destruição ambiental e desigualdade social: dois lados do mesmo processo de desenvolvimento capitalista. **Revista Fim do Mundo**, v. 1, n. 2, p. 19-40, maio/ago. 2020.
- CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. *In*: LAYRARGUES, P. P. (Ed.). **Identidades da educação ambiental**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 13-24.
- GERALDO, A. C. H. **Didática de ciências naturais na perspectiva histórico-crítica**. São Paulo, SP: Autores Associados, 2009.
- GULMIN, V; CAMPOS, R. S. P. O Educador de Ciências na Perspectiva Crítica. *In*: VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA, 8., Campinas, 2011. **Anais eletrônica...** Disponível em: <http://www.nutes.ufri.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0293-3.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.
- LOUREIRO, C. F. B. Por uma educação ambiental transformadora. *In*: LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo, SP: Cortez, 2002.
- LOUREIRO, C. F. B. Educar, participar e transformar em educação ambiental. *Revista brasileira de educação ambiental*. **Rede Brasileira de Educação Ambiental**, n. 0, p. 13-20, nov. 2004. Disponível em: [https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/revbea\\_n\\_zero.pdf](https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/revbea_n_zero.pdf). Acesso em: 05 ago. 2022.
- LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. *In*: LAYRARGUES, P. P. (Ed.) **Identidades da educação ambiental**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2004b. p. 65-84.
- LOUREIRO, C. F. B. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. **Educ. Soc.**, v. 27, n. 94, p. 131152, 2006.
- LOUREIRO, C. F. B.; TREIN, E.; TOZONI-REIS, M. F. C.; NOVICKI, V. Contribuições da teoria marxista para a educação ambiental crítica. **Cad. Cedes**, v. 29, n. 77, p. 81-97, 2009.
- LOUREIRO, C. F. B.; LIMA, M. J. G. S. A hegemonia do discurso empresarial de sustentabilidade nos projetos de educação ambiental no contexto escolar: nova estratégia do capital. **Revista Contemporânea de Educação**, n. 14, p. 280-294, ago./dez. 2012.
- LOUREIRO, C. F. B; LAYRARGUES, P. P. Educação ambiental crítica e movimento de justiça ambiental: Perspectivas de aliança contra-hegemônica na construção de uma alternativa societária. *In*: MACHADO, C. R. S.; SANTOS, C. F.; ARAÚJO, C. F.; PASSOS, W. V. (Org.). **Conflitos Ambientais e Urbanos: Debates, Lutas e Desafios**. Porto Alegre, RS: Evangraf, 2013.
- MARSIGLIA, A. C. G.; OLIVEIRA, C. S. Aproximações Históricas e Teóricas com a Pedagogia Histórico-Crítica e sua Proposta Metodológica. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – Educere, 8., 2008. **Anais eletrônica...** Disponível em:

[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/486\\_560.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/486_560.pdf).

Acesso em: 26 jul. 2022.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1996. (v. I., Livro Primeiro: o processo de produção do capital).

MARX, K. **Manuscritos Econômico Filosóficos**. Tradução de J. Ranieri. São Paulo, SP: Boitempo, 2004.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de F. Fernandes. 2. ed. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. 8. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 9. ed. São Paulo, SP: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, D. Os desafios da educação pública na sociedade de classes. *In*: ORSO, P. J. (Ed.). **Educação, sociedade de classes e reformas universitárias**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007a. p. 9-26.

SAVIANI, D. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. *In*: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Eds.). **Marxismo e Educação**: debates contemporâneos. Campinas, SP: Autores Associados; Histedbr, 2008a. p. 223-274.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil**: história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008b.

SAVIANI, D. Escola e Democracia: Para Além da Teoria da Curvatura da Vara. **Revista Germinal: Marxismo e Educação**, Salvador, v. 5, n. 2, dez. 2013.

SAVIANI, D. O Conceito Dialético de Mediação na Pedagogia Histórico-Crítica em Intermediação com a Psicologia Histórico-Cultural. **Revista Germinal: Marxismo e Educação**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, 2015.

**Recebido**: abril 2023.

**Aprovado**: maio 2023.

**DOI**: <http://dx.doi.org/10.3895/etr.v7n2.16729>.

**Como citar**:

BENDINELLI, P. V.; INGLEZ, Í. S. S.; MOREIRA, A. L. O. R. Pedagogia Histórico-Crítica e sua proposta metodológica na educação ambiental crítica. **Ens. Tecnol. R.**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 637-650, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/16729>. Acesso em: XXX.

**Correspondência**:

Patrícia Vidigal Bendinelli  
Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Av. Colombo, 5790, Bloco F67, Sala 007, Maringá, Paraná, Brasil.

**Direito autoral**:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

